

ÉTICA & DOENÇA SOCIAL: DESMISTIFICANDO A PERVERSÃO A PARTIR DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL HUMANISTA

Murialdo Gasparet

Licenciado em Teologia pela PUC-RS

Pós-graduado em Psicologia Existencial Humanista/ISECENSA

e-mail: gasparet@bol.com.br

Edson Ribeiro de Andrade

Mestre em Psicologia Social

Resumo:

Este artigo visa discutir o papel das atitudes éticas mediante os atos de perversidade observados na sociedade, cada vez mais complexa e vigiada. Para tanto, trabalhou-se o conceito de ética na Psicologia Existencial Humanista. Procurou-se desmistificar a perversão, saindo do enfoque comum de distúrbio psíquico e mostrando como a perversidade se utiliza de atitudes cotidianas; que não refletidas propiciam dilemas éticos e doenças sociais. Essas atitudes esvaziam o sentido da vida, colocando a *parte* e a *margem* tantas pessoas. Este trabalho se propõe mostrar como a ética pode ser um caminho, à luz da Psicologia Existencial Humanista, para facilitar atitudes reflexivas e de escolhas necessárias que coíbam a perversidade. Através de diversos autores procurou-se refletir, como cada pessoa humana é responsável pela construção do mundo. Ajudar cada indivíduo a descobrir a sua existência mais autêntica é uma das formas mais eficazes para a construção de uma sociedade mais justa. Mostrar que as atitudes individuais constroem a vida em sociedade e o mundo em que se vive. Por isso, o mundo é o que cada pessoa o faz ser. Os conflitos do mundo atual levam a refletir sobre a necessidade de condutas éticas adequadas. Todo ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor ou pior e de mudar também a si mesmo se necessário. Essas mudanças serão realizadas ou não dependendo de decisões e escolhas, não muitas vezes de condições.

Palavras chaves: Existencialismo – Ética – Doença Social – Perversão.

Abstract:

This article aims at discussing the ethic attitudes role face to the perversion acts observed in the society, more complex and watched day by day. This way, the ethics concept was developed in the Existential Humanist Psychology. We tried to demystify the perversion, out of the common approach of psychic riot and showing how the perversion uses quotidian attitudes; that when not reflected lead to ethic quandaries and social illnesses. These attitudes empty the reason of life, putting so many people *apart* and at the *edge*. This work tries to show how the ethic can be a way, throughout the Existential Humanist Psychology, to make reflective attitudes easy and necessary choices that restrain the perversity. Through different authors we tried to reflect, as each human being is responsible for the construction of the world. Helping each one to discover the most authentic existence is one of the most effective ways to the construction of a fairer society. Showing that individual attitudes build the life in society and the world in which we live. So, the world is what each person makes it be. The conflicts of the current world make us reflect about the necessity of an adjusted ethical behavior. All human being is able to change the world for better or worse and to change himself too, if necessary. These

changes will be achieved or not, depending on decisions and choices, not much time conditions.

Keywords: Existentialism – Ethic – Social Illness – Perversion.

INTRODUÇÃO

A falta de sentido é incompatível com a vida. Cada pessoa define-se pelo que é e pelo que faz. Facilmente julgam-se os semelhantes pela coerência entre o que se é e o que se faz. A reflexão sobre o que se pode e o que se deve fazer surge com o ser humano e ele é capaz de dissociar essas duas realidades e criar uma terceira: a esfera da decisão, em que o pensamento direciona a ação.

Dessa necessidade de pensar a ação nasce a moral, e refletindo sobre o comportamento moral surge a ética. É uma reflexão sempre antiga e sempre nova. Antiga, porque o ser humano precisa dar razões para a sua ação; sempre nova, porque o sentido da ação se renova, como se renova o sentido da vida. Em uma sociedade simples isso é fácil, mas em uma sociedade complexa como a de hoje, o ser humano precisa aprender, abrir-se para diferentes perspectivas e dimensões. Neste esforço há riscos. É urgente perceber o impacto do avanço da ciência sobre o sentido da vida, das escolhas e da ação humana.

Precisa-se partir do fato de que o ser humano busca um sentido para a sua existência. As convicções e o sentido que se dá à vida não podem aprisionar a visão de mundo e a vida dos outros. Há a exigência para o diálogo com a complexidade, descobrindo a postura de que a dignidade humana precisa ser defendida em sua máxima extensão e compreensão.

Não pode haver ética onde não está o outro e sem responsabilidade não pode haver compromisso moral. O valor da escolha está na responsabilidade e na solidariedade para com nossos semelhantes. O que nos une é o ser um pelo outro.

A falta de reflexão e de escolhas tem levado tantos a deleitar-se com o mal e à destruição de si ou do outro e essas atitudes perversas têm cada vez mais ocupado a sociedade. A perversão é sempre, queiramos ou não, uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio e crueldade entre outros. A perversão é a extirpação do ser da ordem da natureza.

Afinal o que realmente conta na existência, na difícil arte de viver, e o que leva o ser à crueldade como seres humanos, é que todos, por definição, são eternos aprendizes. Incansáveis na procura, transformam as respostas sempre em novas perguntas. A essa altura surgem as indagações: O que faz com que as escolhas sejam éticas ou perversas? Onde alimentar esse impulso existencial, orientando-o para escolher a maneira mais justa, acertada e séria? Tudo parece não ser o bastante para muitos que tomam atalhos em suas reflexões e escolhas e acabam por desistir da vida ou de atingir determinadas metas.

“A vida é feita de escolhas, e as principais são construídas lentamente formando a atitude diante do mundo e das pessoas” (AYLMER, 2003: 61).

Uma das grandes dificuldades da vida é de se fazer escolhas, muitas que se fazem diariamente, não afetam em nada o futuro. Entretanto, algumas delas podem determinar o destino de uma pessoa, de uma família ou de uma nação. Amar-se não permite deixar você da forma em que está. As mudanças acontecem quando fazemos escolhas a partir de um novo posicionamento, “nós somos o que nos fizemos ser” (MAY, 1978: 10).

A luta pelo poder, a busca de vantagens e a concorrência desenfreada, tem levado a humanidade a percorrer caminhos de perversidade. A ciência permite que se faça

qualquer coisa em nome do desenvolvimento e da descoberta, porém, não tem mecanismos para solucionar os problemas que ela mesma cria. A velocidade e a complexidade fazem surgir várias doenças sociais. Vive-se o descontrole, em que tudo parece ser possível e não ser o bastante. O descontrole rejeita a ética dos valores.

A ética determina o sentido do agir. Não se pode apenas privilegiar a competência técnica, mas também a responsabilidade social de cada um, mediante os desafios da sociedade, junto aos diplomas das formações, o diploma de *ser gente*. Quem age de forma inadequada prejudica a si e a outros. Os fins não justificam os meios, há de se ter coerência na intenção e na ação.

Em meio a tantas crises existenciais, acaba-se por esquecer uma das maiores virtudes: o amor. Vive-se em meio a uma crise de sentimentos e de afeições que leva as pessoas a perderem o carinho, a sensibilidade e por consequência o significado da vida. Quando isso acontece, elas adoecem e passam a achar normais as cotidianas atitudes de perversidade.

Em suma, cada pessoa é questionada pela vida, sua própria vida. Ela somente pode responder sendo responsável. A ética nos ajuda a compreender de que modo o homem pode enfrentar com mais equilíbrio suas inseguranças e crises pessoais. Indicar os valores e metas estáveis, em uma época que tão poucas coisas são seguras e duradouras ajuda a superar atitudes de perversidade.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro é apresentada a ética na psicologia existencial humanista. Quer ressaltar o ponto de partida no qual o ser humano busca um sentido para a sua existência, a busca de humanizar o que é humano com atitudes éticas.

No segundo capítulo será analisado como os dilemas éticos e as doenças sociais têm contribuído para a descaracterização do ser, levando tantas vezes a atitudes de perversão.

O último capítulo se incumbirá de como a ética é um caminho para humanizar, à luz da psicologia existencial humanista, possibilitando a reflexão, as escolhas e as atitudes necessárias.

METODOLOGIA

Procura-se no estudo mostrar os conflitos do mundo atual que nos levam a refletir sobre a necessidade de condutas adequadas aos princípios básicos do respeito e da justiça.

Em meio a tantos conflitos sociais e dilemas éticos, que muitas vezes tornam-se estruturas e atitudes de perversidade, buscou-se estimular e favorecer, através da ética, uma construção mais autêntica da sociedade, da existência de cada pessoa e de atitudes responsáveis, motivando para escolhas coerentes e éticas.

Diante da complexidade e extensa variação das definições de ética e perversão foram utilizados vários métodos de pesquisa, especialmente, fontes atuais de leituras, como jornais, revistas, artigos científicos, entre outros.

Levou-se em consideração acontecimentos históricos que marcaram o mundo e fatos recentes que assombram a nossa sociedade, para mostrar que as atitudes perversas ainda são constantes em nosso dia-a-dia.

O primeiro passo foi à delimitação do tema, tendo como parâmetro a sociedade e as diversas atitudes de perversão encontradas em seu meio. Em seguida foi feito um levantamento bibliográfico e uma análise preliminar do problema.

A pesquisa bibliográfica refere-se à leitura e fichamento de artigos e livros. Na presente pesquisa foi utilizada a bibliografia dos filósofos existencialistas e outros autores, todos ligados ao tema proposto.

Foi tomado como referência o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, que refuta o subjetivismo sem compromisso, mostrando que o homem é livre para escolher a pessoa que ele quiser ser.

Após a leitura e fichamento dos dados colhidos nos diversos materiais citados, buscou-se identificar aqueles que mais se relacionavam diretamente ao tema proposto.

Diversas questões norteadoras envolvendo o tema foram suscitadas, para em seguida elaborar estudos importantes que pudessem ser inseridos no contexto desse trabalho.

Esses estudos se realizaram através das palavras chaves: existencialismo, ética, doença social e perversão, com o propósito de ampliar e problematizar o entendimento da perversidade.

Por fim, várias pesquisas e métodos foram realizados para se alcançar um objetivo prático, que pudesse ajudar nossa sociedade a enfrentar os dilemas éticos que estão tão presentes na vida de cada indivíduo.

ÉTICA NA PSICOLOGIA EXISTENCIAL HUMANISTA

Pode-se definir ética, segundo Dicionário Aurélio da Língua portuguesa (1993:235), como “estudo dos juízos de apreciação referentes à conduta humana, do ponto de vista do bem e do mal”. Essa conduta ética tem seus fins e seus meios. Por mais diferentes que sejam as definições e concepções éticas mencionadas ao longo dos tempos, as formações são idênticas, pois determinam a natureza necessária do homem e deduzem da própria natureza o fim para o qual a conduta deve orientar-se.

Os filósofos existencialistas que sustentam a psicologia existencial humanista possibilitaram a reflexão que refuta as tendências deterministas e mecanicistas da eticidade. O agir ético vai além do pensar bem e honestamente, ressoando apenas o individual e pessoal, mas existe, ao mesmo tempo, em que a consciência, conforme Husserl, “que é sempre consciência de algo” (ERTHAL, 2004: 35), se manifeste de modo explícito através de ações claras. A ética não pode proporcionar soluções pré-fabricadas, sem que haja um trabalho inteiro de cada indivíduo, propondo-se a agir eticamente, o que depende de uma decisão de cada indivíduo. Ética não é punição.

Mais do que impor e estigmatizar, querendo definir comportamentos padrões, ela deve oferecer uma reflexão convidando cada ser a ser criativo. “Aventurar-se causa ansiedade, mas deixar de aventurar-se é perder a si mesmo (...) E aventurar-se no sentido mais elevado é precisamente tomar consciência de si próprio” (GARDINER, 2001: 71). Só a descoberta pessoal dos legítimos valores nos comprometem. A construção de responsabilidades baseadas em atitudes autênticas de autoconsciência, autocompreensão e autodeterminação responsabilizam os seres humanos sobre os seus valores, seu caráter, suas virtudes e sua liberdade. A ética nos dá meios como seres humanos de buscar um modo de vida no qual possa desenvolver a capacidade de realização como pessoa.

Para o existencialismo humanista, a vida não é só conquista, é também fracasso. Entretanto, sempre há uma nova oportunidade para reconstruir, por meio de uma vida marcada pela solidariedade humana e compromisso ético. Dostoiévski afirmou: “se Deus não existisse, tudo seria permitido” (DOSTOIÉVSKI, 2007: 203).

O pensamento existencialista surge pela primeira vez na história como reação contra o racionalismo. Em nome da existência concreta ergue-se um protesto contra o espírito sistemático.

O existencialismo teve expoentes significativos. O primeiro grande expoente é Kierkegaard, bem como, Husserl, com o método fenomenológico; Há ainda que se destacar o pensador da vontade da reavaliação de todos os valores, Friedrich Nietzsche.

Heidegger aparece como aquele que nos mostra até que ponto o ser humano se iguala (coisifica) ao mundo ao seu redor. Buber (1998) fez através do diálogo e do encontro a superação do primado da ciência, dando mais valor ao que é vivido por cada um. Poder-se-iam citar tantos outros como: Jaspers, Gabriel Marcel, Maurice Merleau-Ponty, Albert Camus, Ortega y Gasset, e os mais próximos de nós: Ludwig Binswanger, Medard Boss, Viktor Frankl, Rollo May e Irvin Yalom.

De todos os filósofos existencialistas Jean-Paul Sartre é a figura central, ele denuncia as várias formas de injustiças e opressões, refuta o subjetivismo sem compromisso, ou seja, o primado da existência é o ato de projetar-se, de lançar-se à frente de si mesmo, de fazer-se e de assumir-se no mundo. Para Sartre, o homem é livre para escolher a pessoa que ele quiser ser. É livre para escolher os meios que considera mais adequados para realizar-se como pessoa. Ter consciência de poder trocar o seu projeto originário é, para Sartre, o grau mais elevado de consciência de liberdade que o homem pode alcançar.

O homem, conforme o existencialismo, pensado por Sartre, é responsável não só por si, mas responsável por todos, o fato de nos sentirmos responsáveis por nós, pelos outros, e, enfim, por toda a humanidade lança-nos na angústia. Enquanto Heidegger situa a angústia diante da morte, Sartre a situa no contexto da decisão, isto é, da liberdade, que atinge a moralidade.

A liberdade é uma das verdades fundamentais da existência humana, e devemos saber que a nossa liberdade não pode quebrar ou negar a liberdade do outro. A liberdade moral de escolha rejeita qualquer idéia de determinismo. Assim, ninguém nasce covarde ou herói, mas cada um se faz conforme sua livre opção, tornando-se responsável pelo que é.

Neste sentido, Sartre, propõe-nos uma ética que não repousa sobre um mundo de valores preestabelecidos, porque luta contra o regime totalitário e quer uma sociedade politizada. Quando se coloca o homem perante uma alternativa moral, ou ele assume a liberdade e se realiza na angústia sua condição de ser responsável, ou nega a liberdade e procura refúgio na má-fé, esta entendida como uma forma de enganar-se a si mesmo e a outros.

A medida que o homem se defronta com os obstáculos ele não pode fugir de seus grandes desafios. A vida humana vai sendo tecida em cada escolha, em cada decisão que se toma com seus acertos e erros. Escolhemos porque percebemos existir possibilidades e se podemos escolher, só isso já é um exercício de liberdade.

Assim, os valores precisam ser constantemente revistos. “A todo e qualquer momento, a pessoa precisa decidir, para o bem ou para o mal, qual será o momento de sua existência” (FRANKL, 1991: 92). Além disso, compete ao homem, como ser consciente, tomar uma atitude diante do mundo.

Diante disso, pode-se dizer que o mundo se torna mais humano, mais ético, na medida em que o homem for se compreendendo e se assumindo como ser livre e, ao mesmo tempo, como responsável pela história que vai construindo.

A partir das idéias de Sartre (1987) e seguidores do existencialismo, pode-se dizer que defender nossa existência é um projeto permanente, pleno de possibilidades. No entanto, devemos nos comprometer para que a liberdade tome forma no mundo em que existimos.

Constrói-se o caminho, inventa-se a si próprio, portanto, os seres humanos são responsáveis por todo ato escolhido e este deveria visar a toda a humanidade. Quando se tem consciência de que os outros não são simplesmente objetos, mas são sujeitos que possuem a faculdade de consciência e de sensibilidade, deve-se respeitá-los, como a si próprios. Nesse sentido, a liberdade não pode ser um motivo para minimizar a liberdade do outro ou causa para negá-la.

A filosofia existencial é, por excelência, uma das grandes buscas teóricas que a civilização do século XX empreendeu para compreender-se.

A humanidade clama por uma razão que não exclua milhões de homens e mulheres. Cabe à psicologia existencial humanista dar contribuições para a construção de um referencial ético-reflexivo que sinalize à sociedade valores propositivos e afirmativos. O caminho deve ser o de seguir na facilitação de um espaço de vida marcado por sentimentos de justiça, que passem por uma reflexão coerente e um engajamento social.

De acordo com Pires (2004), vive-se cercado de impasses ético-legais que nos afligem, como a fome, a injustiça e a dor, mesmo assim, o desrespeito a esses direitos ainda permanece. A exclusão social é uma delas, nas várias formas de marginalização e violência simbólica e social.

A indiferença é um dos grandes males que se abate sobre a sociedade. As pessoas não procuram mais criar novas formas de inclusão social, alienando-se aos dramas sociais. O princípio político e econômico não pode ser monopólio de uma casta ou de um grupo de privilegiados.

Para a interrupção dessa perversidade cotidiana, é preciso revigorar uma espécie de sabedoria ética, além de amar tem de saber, e o saber leva tempo para ser construído.

A vida é cheia de recomeços, sendo preciso ver e aprender. O ato de ver não é uma coisa natural, precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que “a primeira tarefa da educação é ensinar a ver” (Revista Pais & Filhos, 2007).

O Direito necessita criar e justificar uma sociedade que seja pautada pela igualdade de oportunidades e de condições dignas de vida. “O humano não é um adjetivo, uma qualidade, mas um modo fundamental de existir no mundo. E, exatamente nesse sentido, podemos afirmar que todos os homens são iguais e são sujeitos dos mesmos direitos e deveres fundamentais” (PAVIANI, 2000: 200).

A sociedade se depara com grandes desafios éticos e não há possibilidade de construção de uma sociedade mais justa, sem refletir, adequadamente, a fim de fornecer atitudes de escolhas à altura dos desafios éticos desse tempo.

Quando se tenta formular uma reflexão ética não se deve jamais se esquecer de que as razões e o porquê da ética estão na imediata determinação dos regramentos individuais e sociais.

Não há um código de moral ou preceitos éticos que não esteja situado em uma determinada sociedade, enquadrada em um determinado contexto de espaço e tempo.

Os horizontes da ética se referem aos limites do que é ou não permitido em uma específica sociedade. A sociedade existe, sobretudo, porque os homens não só acreditam que cumprindo as normas éticas eles viverão em paz, mas, porque a existência humana vivida eticamente torna o ser humano mais humano. O ser humano é o fundamento e o ideal último da sociedade, pois ele faz a experiência, fundamentalmente, a ética.

A experiência ética é uma experiência humana fundamental, é a nossa condição de pessoas, que nos leva a assumir valores éticos. As questões – que devo fazer? Como devo agir? O que posso escolher? – estão inseridos no âmbito do convívio social, uma vez que não somos sujeitos programados, determinados como objetos, sem vontade ou sem liberdade (PIRES, 2004: 135).

O convívio social é o ambiente onde a ética é vivida e pode ser transformada. Se há um grande apelo, a fim de que se possa construir uma nova sociedade, este passa por uma grande ruptura com os modelos e estereótipos éticos que não privilegiam o ser humano, tornando-o um meio e não um fim em si mesmo.

O relativismo ético se apresenta como um dos grandes obstáculos à superação desse estado de falência ético-moral a que se assiste. Essa permissividade teórica que não impõe limite algum e não proíbe pensar a relativização dos valores é que torna frágil toda tentativa de escolha de um novo sistema moral.

Afinal, quais são as condições necessárias para a construção de uma ética, realmente, humana?

Primeiro o auto-conhecimento, quando o sujeito assume o seu si mesmo, ou seja, se reconhece como sujeito ético, com valores próprios e específicos que dizem respeito à consciência de suas escolhas.

Segundo, quando se valoriza cada cultura como fator fundamental, porque é inserindo nela que o sujeito pode emitir juízos morais e receber ajuda por transgressões ou louvores por atos considerados virtuosos.

A psicologia existencial humanista tem um compromisso ético de ajudar e achar saídas para cada pessoa humana. Conforme Erthal (2004: 75) “o problema não é os outros, mas nós somos o problema”.

Se há uma tarefa importante e imediata e que não pode ser desprezada, esta é de elevar o ser humano e seu contexto de vida ao centro e ápice de toda a reflexão e escolha.

DILEMAS ÉTICOS E DOENÇAS SOCIAIS: ATITUDES DE PERVERSIDADE

Perversão é um termo usado para designar uma atitude de desvio, por parte de um indivíduo ou grupo, conforme definido pela enciclopédia livre, Wikipédia (online). Esse termo ou conceito varia no tempo e no espaço, em função de várias circunstâncias. Geralmente o termo perversão é utilizado no sentido de perversão sexual, ou melhor, desvio sexual. Não será este o enfoque a ser abordado nesse artigo.

O significado original do termo remete à noção de *por de lado*, ou *pôr-se à parte*, segundo a mesma fonte acima citada, nesse contexto, qualquer outro conceito pode tornar-se pelas próprias atitudes e escolhas das pessoas um ato de perversão, como por exemplo, a indiferença, o preconceito, entre outras.

Para Bonder a perversidade é tudo aquilo que coloca em risco nossa sobrevivência a longo prazo. A partir dessa premissa pode se ver como desvio não só a maldade, mas também as atitudes pouco éticas que causam danos a humanidade. “... Por perversidade entende-se a possibilidade de colocar em risco nossa sobrevivência a longo prazo ...” (BONDER, 1998: 74).

Questões como a desordem familiar, valores materiais que se sobrepõem a vida constituem celeiros de perversão: “... Toda a ética tem que levar em conta a existência do ser humano e sua essência...” (OLIVEIRA, 2000: 254). “A pessoa não é uma coisa, uma substância, um objeto” (HEIDEGGER, 1997: 84), assim a violência é a violação da integridade, da dignidade humana. Eis por que o assassinato, a tortura, a injustiça, a mentira, o estupro, a calúnia, a má-fé, o roubo são violências, imoralidades, crimes causadores dos mais diferentes e diversos casos de perversão.

Sartre (2001) questiona este dualismo: de um lado o sujeito; do outro o mundo. Já Burber (1998), ensina que nosso relacionamento com os outros pode ser de duas formas: o relacionamento *Eu x Objeto*, que consiste em tratar o outro como um objeto, enxergando somente sua utilidade, ou o relacionamento *Eu x Tu*, em que considera o outro como sujeito e tem consciência de suas necessidades e seus sentimentos, tanto quanto dos seus próprios.

Do ponto de vista ético, as pessoas não podem ser tratadas como coisas. Os valores éticos se oferecem, portanto, como expressão e garantia da condição de sujeitos, proibindo moralmente que se transforme o ser humano em coisa usada e manipulada por outros.

A ética é normativa e, exatamente por isso, suas normas visam impor limites e controles ao risco. Nesse sentido afirmou Oliveira (2000): "... o homem é moral ou não é humano".

A humanidade vem sofrendo uma crise de fragmentação, sem alicerces firmes para superar, de forma tranqüila, essa conjuntura. As pessoas criam um mundo cheio de limites e regras, mas acabam tornando-se vítimas dos próprios limites. Superficializam-se valores éticos e morais, estimulando às pessoas a pensarem pouco e consumirem muito, conseqüentemente, uma apologia individualista competitiva, que cria cada vez mais exclusão social e consumo exagerado. Continua-se à mercê do medo, da incerteza e da falta de sentido. No lugar do diálogo surgem as competições destrutivas e a intransigência que impedem o reconhecimento do outro.

Aquecimento global, manipulação genética, exposição da imagem, possibilidades de monitoramento do corpo humano e estímulo a autodestruição por grupos na internet são exemplos de desafios éticos presentes em nossa sociedade. "A maldade é filha da fraqueza" (GIKOVATE, 2005: 59).

O fato de poucos sobreviverem já é muito destrutivo, assim definiu Sanches (2004: 109) "A sobrevivência só de alguns já é destruição parcial". Em nome da ciência permite-se que se faça, praticamente, qualquer coisa, brincam de Criador sendo criaturas.

Dessa forma alguns desenvolvem um controle total da existência humana, e se não conhecem nenhuma alternativa, presumem que a maneira pela qual estão vivendo, com todas as suas frustrações é a única maneira de viver. Há um provérbio que diz: "para o verme num rabanete, o mundo inteiro é um rabanete" (KUSHNER, 1986: 14).

Criam-se assim, alguns perversos e tenta-se explicar através da índole, da mídia, da influência, da situação social ou mental ou da permissividade da sociedade tais comportamentos.

Quando se faz de tudo e não se consegue parar, não se é livre, mas viciado. "No vício as coisas se tornam mais importantes do que as pessoas" (AYLMER, 2003: 289). Há duas maneiras de lidar com isso: a reação que é a fuga ou a ação que é o enfrentamento. Quem não tem decisão, poder pessoal e projeto de vida não respeita o *não* e jamais vai valorizar o *sim*.

O comportamento perturbado, muitas vezes, surge do fracasso na resolução dos conflitos existenciais. O indivíduo se afasta de si próprio evitando dados da existência do outro, e essa existência limitada e bloqueada afasta os próprios valores de auto-afirmação. O indivíduo não vive a sua própria realidade e insiste em viver a realidade dos outros, não construindo o seu próprio projeto de vida. Muitas pessoas têm buscado sonhos que não são seus, como por exemplo: todos têm que ter sucesso; você tem de estar feliz todos os dias; você tem que comprar tudo o que puder, e por fim, você tem de fazer as coisas do jeito certo.

Existe um jeito certo? Há apenas um caminho para se fazer as coisas?

A novidade tornou-se fonte de valor, não mais de saber, não basta ter as coisas é preciso ter a novidade das coisas, infelizmente existe aqueles que não tem nem o necessário.

Quando se entende por perversidade a possibilidade de colocar em risco a sobrevivência a longo prazo, percebe-se que quanto mais não se deseja ser pessoa, mais próximo se está de ser perverso.

A atitude perversa subtrai da ética os valores, os princípios e as regras. Os valores não são mais categorias do bem, inerentes ao ser. Os princípios que são orientações e fixam atitudes quase se sucumbem, perde-se o respeito pela vida. As regras que determinam a ação, que organizam a decisão, passam a ser mais importantes do que o próprio ser.

A vontade pelo poder tem desvirtuado o legítimo desejo de conhecer, e quando isso acontece o ser humano pode transformar-se, no futuro, em um mero consumidor.

Nesse consumir está a droga, que permite uma *viagem* ideal, porém a religião, a arte, o cinema, o universo do marketing, do show, da moda, da informação, que como as drogas que pervertem, podem levar a onipotência e se não houver limites podem comprometer completamente a dignidade humana.

O problema não é a *viagem* é a volta da *viagem*, quando então não se suporta mais o cotidiano; quando se confunde essa realidade, vem a ilusão e a idolatria, que serão adquiridas a qualquer custo.

Hoje, o maior desafio para que se vença a perversidade vem da realidade social, que não se preocupa com a pobreza, com o desenvolvimento, com a comunidade de vida. “No momento em que um ser humano assume a responsabilidade por outros seres humanos – e só agindo assim está dentro da realidade – nasce a situação ética genuína, que se distingue substancialmente da abstração” (FORTE, 2006: 132)

A perversidade seria não ter ética? Existe alguém sem ética? Fraudar o imposto, praticar corrupção ou parar o carro em fila dupla é um ato de quem não possui ética?

A atitude perversa possui uma atitude ética que é contrária da maioria das pessoas.

As situações em que se tem que decidir *pelo sim ou pelo não* colocam o ser humano diante de um conflito. Uma palavra que designa conflito ético é dilema. Dilema é quando você quer os dois, os dois podem ser escolhidos, mas apenas um é eticamente correto. Vai sobreviver melhor quanto mais tiver claro quais são seus princípios e valores. Quando se perde os princípios e valores para decidir, julgar e analisar toma-se muitos caminhos perversos.

O nazismo e os genocídios, como os atentados terroristas são maneiras claras de ter prazer com o mal. Faz-se o mal dizendo que é para o bem, mata-se dizendo que é normal, extermina-se dizendo que é normal, faze-se isso em nome de Deus.

Há uma grande diferença entre um indivíduo perverso e um sistema de Estado que tornou-se perverso. Uns são autorizados a serem perversos (Estado), outros não, como é o caso do indivíduo não autorizado pelo sistema. Pode-se dizer que toda a inversão da lei é um sistema perverso.

Na perversidade a morte transforma-se em espetáculo. É bom levar em conta que a perversidade, em nome da liberdade e da conquista, vai aceitando e tolerando muita coisa e assim ela pode virar um extremismo onde tudo é permitido.

Também em nome do medo e da insegurança, cria-se uma sociedade perversa. Uma sociedade que passa a vigiar todos os atos da vida privada, em que tudo tem de ser higienizado e mostrado, é uma sociedade perversa. De um lado, mostra-se tudo, não há mais privacidade; e de outro vigia-se tudo.

Pergunta-se onde começa a perversão e quem são os perversos? Parece que a perversidade está intrínseca à própria humanidade do homem. A perversão era vista antigamente, em especial na idade média, como uma forma particular de abalar a ordem natural do mundo e converter os homens ao vício. Era uma forma de confronto com a soberania do bem e da verdade. O ato de perverter supunha a existência de uma autoridade divina. Assim, o diabo muitas vezes levou a culpa... Sejam quais forem os meios é sempre um negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade e gozo.

“A perversão, portanto, é um fenômeno sexual, político, social, psíquico, histórico e estrutural, presente em todas as sociedades humanas” (ROUDINESCO, 2008: 12). Os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem a nossa própria negatividade e a parte obscura de nós mesmos.

ÉTICA: CAMINHO PARA HUMANIZAR - REFLETINDO ATITUDES E ESCOLHAS

Há muito tempo, o comportamento humano tem gerado questões e perguntas. Que atitude tomar em face da vida humana? Desde Hipócrates, humanistas, filósofos, teólogos, juristas e psicólogos de todas as épocas e de todos os países continuam a se questionar sobre as exigências do respeito à vida humana. A aceleração do progresso científico e técnico nesses últimos anos, além do aumento do pluralismo nas sociedades contemporâneas, tem levado todos e cada um a se colocar diante de questões novas.

A atitude ética nos ajuda a iluminar o comportamento, a analisar valores e a refletir sobre os fundamentos da justiça, aplicados de uma forma correta no cotidiano da própria realização de cada um. Esta reflexão repousa sobre dois princípios fundamentais, que são complementares: um se dedica ao domínio da subjetividade essencial na ética, o outro evidencia a objetividade, absolutamente necessária; o respeito à vida e o respeito à autodeterminação da pessoa. “A ética se situa, então, nesta esfera normativa, que se atinge através da reflexão...” (OLIVEIRA: 237).

A autodeterminação da pessoa torna-se fator de extrema importância, pois, todo ato deve ser um ato de confiança que representa livremente uma consciência. “... O mal consiste no ato da vontade livre de uma criatura racional que se afastou do bem (...)” (EVANS, 1995: 247). A autonomia, autodeterminação e a inviolabilidade da pessoa não só são princípios, mas constituem um bem inalienável. Ninguém poderia invadir outra pessoa sem seu consentimento. Só a reflexão sobre a vida humana, e sobre a vida humana pessoal, pode conduzir ao conceito de pessoa humana.

A ética emerge, a partir daqui, como a ação destinada a superar o mal e conquistar a humanidade do homem como ser livre. Só se pode ser livre se, juntos, encarnarmos a liberdade em tudo o que diz respeito à vida pessoal e ao mundo à nossa volta. É, pois, fundamental reconhecer que não é apenas o sentido da vida que influencia qual a existência que a pessoa vai ter; sua posição e escolhas também modificam o sentido de sua vida.

Agir eticamente é agir com sentido, ou seja, agir de acordo com o sentido da vida. Dessa forma nada é mais decisivo para a ética, na superação das perversões, do que a reflexão sobre quem se é e como se dão os relacionamentos com os outros seres vivos existentes.

É necessário defender a dignidade humana que reside no existir, negar essa dignidade é negar a própria vida. A consciência de existir e ser conduz à libertação.

Quando os princípios básicos de um sistema defendem o lucro a qualquer preço, não se pode estranhar a perversão, e a exploração das pessoas. Preservar e auxiliar a pessoa não é absolutizá-la, mas, em um processo fenomenológico, ajudar o ser humano a ser cada vez mais ele mesmo tornando-se uma pessoa, plenamente, consciente e responsável.

O primeiro passo do existencialismo é o pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens (SARTRE, 1987: 6).

Nessa direção os filósofos existencialistas, de modo especial Sartre, nos mostram que a vida é o que fazemos ela ser.

É perceptível que a vida tem inerentes a existência as frustrações, os vazios, os sofrimentos e a própria transitoriedade. Para o autor acima citado, não acreditar que todo ser humano tem liberdade de mudar a qualquer instante essa realidade é não acreditar em si mesmo.

A psicologia existencial humanista, neste respeito pela vida, auxilia a viver. Para isso é preciso ver-se, para logo poder existir. Ajudar a criar uma visão pessoal facilita as atividades éticas de escolhas para mudanças.

Nessa caminhada a ética nos ajuda a compreender, e seu alvo é mudar o mundo e os outros, para isso faz-se necessário começar pela mudança de si mesmo.

As pessoas que geralmente mudam por si próprias, começam a fazer uma distinção necessária entre o que é essencial e o que é fundamental. Essencial é tudo aquilo que você não pode deixar de ter. Fundamental é tudo aquilo que o ajuda a chegar ao essencial, o que lhe permite conquistar algo. O mundo ocidental capitalista, produtivo, material, altamente eficaz, caiu em uma armadilha: especializou-se nos *comos* e deixou de lado os *porquês*, aparecendo, assim, a insatisfação, o incômodo e, especialmente, o desespero. Todos são, na maioria das vezes, espectadores alienados e não protagonistas da própria história. Não importa o que fazem com o homem, dizia Sartre, “mas o que ele faz do que fizeram dele” (SARTRE, 1946).

Há uma sabedoria nas palavras de Nietzsche (1996: 95): “Quem tem por que viver suporta quase qualquer como”.

Vivem-se, muitas vezes, dilemas éticos, tais como: O que quero? Como posso fazer? E o que devo fazer? Vivem-se assim vários dilemas, que poderão ser mais claramente ultrapassados quanto maiores forem os princípios que se tem.

A integridade é o princípio ético para não apequenar a vida. Uma pessoa sincera é aquela que não disfarça o erro, ela o assume. “Quando se tem caráter, tem-se na vida uma aventura típica que sempre se renova” (NIETZSCHE, 2007: 78). Ética não é cosmética. Ética é sinceridade. Não é máscara ou personagem: é personalidade. É por isso que uma pessoa sincera é uma pessoa sem máscara, que não tem duas caras, é aquela que não diz uma coisa e age de outro modo.

Gandhi (1869-1948) disse: “Felicidade é quando o que você pensa, o que você diz e o que você faz estão em harmonia”. A sinceridade é de fato, um dos elementos constitutivos da integridade. “Mentir e enganar são atividades essencialmente negativas, e é esta a razão pela qual está tão cheia de perversidade” (EVANS, 1995: 107).

A psicoterapia existencial não é um grupo de técnicas específicas para solucionar problemas éticos, mas caminho para auxiliar o crescimento pessoal e facilitar o encontro com a autenticidade da existência, possibilitando cada indivíduo a assumi-la e projetá-la livremente. Descobrir suas qualidades, achar o sentido de sua vida, ver a relação com o mundo em sua volta e compreender suas escolhas, são atitudes fundamentais da existência. O indivíduo ético é o que consegue conciliar a sua vontade com a vida social, sob a forma do dever.

Existir é escolher, reinventa-se a cada momento. “Toda a existência é *eros*, mas sua expressão simbólica é o coração. Pelo coração nos acercamos das coisas com simpatia e sentimento. Trata-se de com-viver, com-sentir, com-partilhar e co-mungar com elas” (BOFF, 2004: 279).

Toda pessoa precisa distinguir entre aquilo que pode ou não controlar. Toda ação de liberdade começa com a clara compreensão de que algumas coisas estão sob controle e outras não estão. Sob o nosso controle estão: nossas opiniões, aspirações, desejos, sentimentos, emoções, coisas que encantam ou afastam. Tem-se sempre a possibilidade de escolha quando se trata do conteúdo e da natureza da vida interior.

Fora do controle, estão as coisas, assim como as pessoas, e as próprias contingências como ser histórico que se é. Tentar controlar ou mudar as coisas, pessoas e circunstâncias que são externas ao ser, pode resultar em aflição, ansiedade e tristeza.

As circunstâncias da vida não ocorrem para atender às expectativas individuais, simplesmente acontecem. Quando algo acontece a única coisa que está ao alcance é a atitude em relação ao fato. Muitas vezes, não são as coisas que perturbam, mas a forma como se interpreta seu significado e por isso podem determinar as circunstâncias externas à vida, mas sempre pode-se escolher a maneira como lidar com elas.

O humanismo medieval baseava-se em Deus como princípio metafísico que assegurava uma resposta às grandes indagações que angustiavam o ser humano. O humanismo renascentista buscou no período greco-romano sua fundamentação teórica, contudo as verdades das dimensões do homem não foram contempladas e refletidas. Com o advento da Revolução Industrial, o humanismo estava mais voltado para o avanço da ciência e a conquista da natureza.

Dessa forma existir humanamente necessita ser pensado, avaliando os horizontes de reflexão. “Somente quando o ser humano, além de conhecer, ama o ser em sua ordem, tem sua plena posse espiritual e o compreende verdadeiramente. O Conhecer é indiferente; o reconhecer vincula; quem conhece não sabe ainda verdadeiramente; quem reconhece sabe profundamente, ama” (FORTE, 2006: 98).

Nos últimos 60 (sessenta) anos, testemunharam-se grandes tragédias, como o holocausto nazista, os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, as ditaduras militares, o genocídio e o etnicídio das minorias, os atentados terroristas no World Trade Center, em Nova York, na Espanha, no Iraque, enfim em vários países. São as mais variadas e desconcertantes atitudes de violência, que infelizmente passam a ser cotidianas a ponto de serem limitadas a um suspiro de impotência e submissão.

Nesse cenário, parece não existir dúvidas de que todos estão na mesma condição de vítimas da fragilidade das doenças sociais; Dessa forma, os sofrimentos e as mazelas sociais vividos pelas minorias e pelas populações marginalizadas não podem ser indiferentes a ninguém, e, de uma forma ou de outra, todos são atingidos, porque vive-se em um mundo globalizado.

Ninguém deveria estar acima dos comportamentos éticos da sociedade, pois os seres humanos, independente de religião ou de classe social, não podem, de nenhuma forma, permanecer alheios ao que os aflige, comunitária e socialmente.

... Estamos sempre nos protegendo para fora (ex), construindo nosso ser... nós o moldamos mediante a nossa liberdade, mediante os enfrentamentos... ao reagir, assumir e moderar, vamos construindo a nossa existência. O ser humano é um ser nunca pronto... sempre em aberto, sempre se construindo (BOFF, 2000: 26, 27)

DISCUSSÃO

Compreender não significa justificar, dessa forma, são tantos transtornos e dilemas que levam à estruturas de perversão, tornando o ser humano uma coisa. Torna-se urgente auxiliar o ser humano no crescimento pessoal, em uma busca sempre maior de autenticidade.

Todos são responsáveis eticamente a favorecer o encontro de cada pessoa com o sentido de sua existência, ajudando-a a pensar e escolher. Auxiliando-o na motivação por valores e ideais.

Não se trata de transferir responsabilidades, mas de ampliar e de alcançar a consciência de cada ser, pois necessita-se de pessoas que também digam *não*, pois, o *não* protege, ensina, prepara, reflete e auxilia nas escolhas.

O mundo está carente de *não*, as pessoas acabam crendo que abusar, ser desonesto é normal. Não se fala do *não* sem diálogo, com castigo, o *não* que retira alguma coisa em detrimento de outra, mas o *não* que amadureça com liberdade de saber que o mundo não é só de um, é de todos. É preciso sair do conformismo e da indiferença.

Segundo Frankl (1991: 87), “O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para melhor, se necessário. A pessoa humana tem em si possibilidades e potencialidades que serão realizadas ou não, dependendo de decisões e não, muitas vezes, de condições”.

Deveríamos nos pautar na ética, que é, antes de mais nada, a capacidade de proteger a dignidade da vida coletiva, pois todos só são humanos com outros humanos.

Quem nega a alteridade tem dificuldades de escolher eticamente entre o bem e o mal, porque tem dificuldades com o diferente, e a negação do outro é a negação de si mesmo.

É necessário discutir, refletir e aprender. É dever ético que se faça isso. A ética é a proteção da integridade, é a capacidade de ter princípios, de saber, sim, que dilemas se vivem, mas que isso está ligado a que princípios nós defendemos.

Cada ser humano é um projeto infinito, e é essa capacidade que transcende, rompe, vai para além daquilo que é dado. Muitas pessoas provam que inerente ao sofrimento, há uma conquista, que é uma conquista interior. “Estamos condenados ao sofrimento porque estamos condenados ao amor” (ALVES, 1992).

Por que será que as pessoas que mais se amam são as que mais se ferem, ou aquelas que mais confiam e acreditam em alguém são as que mais profundamente são decepcionadas? Talvez seja porque na crise, ter informações não seja o suficiente; seja preciso sabedoria, paciência, reflexão e boas escolhas éticas.

Há que se aprender a ser *gente* e orientar as pessoas nessa direção. Recomeçar, talvez seja a escolha que muda todas as outras. “Mais elevada do que a realidade está a possibilidade” (HEIDEGGER, 1997: 69).

Diante dos vários problemas com os quais se defronta o ser humano hoje, apoiar uma relação pessoal de cada pessoa consigo mesma, de uma forma existencial mais autêntica, liberta da alienação. Diria Agostinho (CONFISSÕES, 1998: 322): “No essencial, unidade; no discutido, liberdade; em tudo, a caridade”.

A personalidade, à medida que se desenvolve, enfrenta uma série de problemas e situações novas às quais se deve adaptar ou com as quais se deve conviver. Estes problemas geram estados conhecidos como conflitos, frustrações e ansiedades, que podem levar à perversão. Um ajustamento ético ajuda a superar esses problemas, ou conviver com os mesmos.

A psicologia existencial humanista dá pistas para que se produza uma mudança de atitude, porém não é o caso de apresentar sugestões, aprovar ou censurar, mas criar uma situação que favoreça a aceitação de proximidade entre o seu *eu real* e o seu *eu irreal*.

Enfatizar noções como as de livre-arbítrio, responsabilidade e escolha, podem recuperar a pessoa como ser humano. O existencialismo humanista aproxima o homem com o que lhe é mais próprio, com os sentimentos que habitam no âmago do seu ser.

É preciso a reconstrução e a compreensão do mundo e de seus significados. Não é simples, é um treinamento, que permite gerenciar os pensamentos, superar a ansiedade e de descobrir coragem na dor, força na fragilidade, lições nos fracassos.

Tem-se sempre a possibilidade de escolha quando se trata do conteúdo e da natureza da vida interior, pois não são as coisas que perturbam, mas a forma como se interpreta seu significado. Não bastaria ser bom é preciso ser justo.

Como profissionais, dever-se-ia valorizar a família como bem, e a justiça como bússola. Ajudar a perceber como cada pessoa é questionada pela vida, e como pode ser responsável.

A pessoa é responsável por aquilo que faz de sua vida e de si mesma. Por isso, o amor é uma das maneiras de captar outro ser humano no íntimo de sua personalidade.

Quando se consegue fazer uma auto-avaliação das próprias atitudes, torna-se mais fácil ter maior clareza das opções e experiências. Dessa forma abre-se novas possibilidades de existir, superando vários desajustes que surgem nos dados da existência: morte, liberdade, escolha e sentido para a vida.

Faz-se necessário ter a capacidade de captar com cuidado o outro, a si mesmo e o mundo a sua volta, pois o medo e a expectativa paralisam as pessoas, dessa forma não mais apenas formar, mas transformar, exercendo o papel de facilitadores.

Educar é viajar no mundo do outro. Não se trata de controlar, mas de libertar; não é só apontar erros, mas preveni-los; não é só corrigir comportamentos, mas ensinar a refleti-los. O excelente educador abraça quando todos rejeitam; anima quando todos condenam; aplaude os que jamais subiram no pódio, vibra com a coragem de competir daqueles que ficaram nos últimos lugares. A coragem está na ação. Todos são a síntese de suas escolhas.

O olhar compromete, pois, a mentira, que muitas vezes gera perversidade, não olha. É preciso olhar sem alterar, um olhar que observa, sente e reflete, porque a mudança só acontece quando não se percebe que se mudou...

Só é livre quem tem escolha. "A questão fundamental é de que modo o indivíduo, é capaz, por intermédio de suas decisões, de alcançar a liberdade interior e viver com integridade" (MAY, 1978: 211).

A atividade ética desperta para uma nova consciência e nos ensina a aprender a desenvolver uma consciência crítica, decidir caminhos, trabalhar erros, construir tolerância e nos prepara para a vida.

Esta consciência facilita uma atitude mais autêntica em relação a si próprio, e promove uma abertura de perspectivas em relação a si e ao mundo. Clareia o nosso agir em relação a novas direções e promove o confronto e a superação nos estados perversos em relação a existência.

Por fim, Sartre (2001) diz que

os ideais são como as estrelas:
Nunca as alcançaremos.
Porém, assim como os marinheiros,
Em alto mar,
Traçaremos o nosso caminho
Seguindo-as.